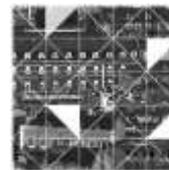


---

# CIDADES, Comunidades e Territórios

---



## Espaços urbanos entre a cultura, a imagem e a intervenção Uma reflexão a partir de três intervenções na cidade do Porto

Ana Oliveira<sup>1</sup>, DINÂMIA<sup>7</sup>CET-IUL, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Paula Guerra<sup>2</sup>, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal.

### Abstract

Reflectir hoje sobre os espaços urbanos implica equacionar uma constante e cada vez mais acentuada convergência entre economia e cultura, que tende também a traduzir-se em termos das estratégias políticas das cidades. Efectivamente, tem sido evidente a mudança na percepção da importância económica da cultura, agora generalizadamente assumida como factor de atractividade e como elemento central das estratégias políticas de desenvolvimento urbano. No presente artigo, propomos uma reflexão sobre esta temática, reportando-nos a um ensaio fotográfico em torno de três iniciativas e projectos culturais, desenvolvidos na esfera das artes visuais e da *street art* que ocorreram na cidade do Porto e que têm na sua génese a intensa simbiose entre cultura, espaço urbano e políticas culturais. Dão conta da invasão das cidades pelas imagens e pelo simbólico e, ao mesmo tempo, ilustram a valorização das actividades culturais na transformação do espaço urbano, seja através de intervenções urbanas com um carácter regular, seja através de intervenções urbanas mais pontuais que convocam novos usos para espaços abandonados e/ou degradados, alterando a paisagem urbana.

**Palavras-chave:** cultura, imagem, cidade, políticas de desenvolvimento urbano.

---

<sup>1</sup> [ana.s.s.oliveira@gmail.com](mailto:ana.s.s.oliveira@gmail.com)

<sup>2</sup> [mariadeguerra@gmail.com](mailto:mariadeguerra@gmail.com)

## 1. Reflexões

Reflectir hoje sobre os espaços urbanos implica equacionar uma constante e cada vez mais acentuada convergência entre economia e cultura, que tende também a traduzir-se em termos das estratégias políticas das cidades. Com efeito, hoje vivemos num contexto marcado pela globalização e pela intensificação da competição interurbana. Autores como Saskia Sassen (2005, 2008) falam-nos de cidades globais, cidades movidas pela pressão de marcar a sua presença no sistema global, buscando incessantemente uma vantagem competitiva capaz de as distinguir perante as demais. Estamos, pois, perante uma lógica de diferenciação, que surge como consequência do processo de globalização, sendo que neste jogo competitivo, as cidades se vêem compelidas a identificar um factor distintivo, uma marca de autenticidade, que as coloque numa boa posição no sistema mundial. E é aqui que a dimensão local e, mais especificamente, as formas culturais locais assumem especial relevo, funcionando mesmo como elementos-chave neste processo. Porém, há que reconhecer que esta busca pela diferenciação não deixa, de certa forma, de ser feita no âmbito de uma direcção comum. Ou seja, as cidades competem, procurando diferenciar-se umas das outras mas no quadro de uma imagem partilhada sobre o que é (ou é suposto ser) uma cidade global.

Neste sentido, Allen John Scott refere que as cidades procuram afirmar a sua presença global através de “imagens visuais vibrantes e campanhas de branding enfatizando atracções locais, tais como estilos de vida, instalações culturais e de património histórico”<sup>3</sup> (Scott, 2014:574). Efectivamente, tem sido evidente a mudança na percepção da importância económica da cultura, agora generalizadamente assumida como factor de atractividade e como elemento central das estratégias políticas de desenvolvimento urbano (Costa, 2002; Markusen, 2007). A economia dos bens simbólicos tem ganho crescente destaque nas cidades, tendo como base a crença na convertibilidade do capital simbólico em ganhos de natureza económica.

Neste sentido, as cidades apostam cada vez mais no património e na cultura de modo a conquistar e reforçar a sua atractividade e competitividade territorial, contribuindo assim para a consolidação de uma lógica de culturalização da vida urbana. As manifestações artísticas e culturais invadem a cidade e transformam-na numa “imensa acumulação de espectáculos”, como diria Harvey (1989), ou no modelo visual e mental através do qual o ambiente urbano pode hoje ser representado, pensado e planeado que Marie Christine Boyer designou “cidade como espectáculo” (1994).

Assiste-se, pois, a uma estetização do quotidiano, à invasão deste pelo simbólico, pelo alegórico, pelas imagens e pelos signos ou, por outras palavras, assiste-se à expansão do simbólico a diferentes esferas da vida e consequente esbatimento da oposição entre a arte e a vida quotidiana. De acordo com Mike Featherstone (1994) tal processo concretiza-se através de três formas. A primeira refere-se às subculturas artísticas subjacentes à origem do Dadaísmo, do Surrealismo e de outros movimentos avant-garde que, pela sua irreverência, contribuíram para a destruição de fronteiras entre a arte e a vida quotidiana, numa lógica de dessacralização da primeira, fazendo com que a arte pudesse estar presente em qualquer parte e pudesse assumir qualquer forma. A segunda remete para o projecto de transformar a vida numa forma de arte nos seus mais variados aspectos. E, finalmente, a terceira diz respeito ao fluxo de imagens e de signos que invadem e chegam mesmo a saturar a sociedade contemporânea. Indo precisamente ao encontro desta última via de estetização do quotidiano identificada, Baudrillard (1968) enfatiza o novo e central papel que as imagens desempenham na sociedade de consumo, concedendo à cultura uma importância sem precedentes. A cultura está em todo o lado. O que se consome hoje, mais do que mercadorias, são imagens, são signos, são experiências.

O processo de estetização da vida quotidiana - ou da transformação da arte em vida - tem estado assim vinculado ao desenvolvimento urbano, designadamente nas pós-cidades pós-modernas. Segundo Claude Fischer (1995), a inquietação própria das grandes cidades faz da vida urbana uma experiência relativamente “não-convencional”, no sentido de promover “uma gama de comportamentos que vão de inovações artísticas e expressões de valores dissidentes até criminalidades sérias, todos desviantes das normas sociais” (1995: 544). Esta diversidade trazida

---

<sup>3</sup> Tradução nossa.

para uma sociedade pós-industrial marcadamente direccionada pelo consumo e pelos média, corporizou-se em subculturas juvenis: o “apagamento da antiga (...) fronteira entre a alta cultura e a assim chamada cultura de massa ou comercial, e o aparecimento de novos tipos de texto impregnados das formas, categorias e conteúdos da mesma indústria cultural” (Jameson, 2015: 28) que agora podiam ser livremente capturados e experimentados sob diferentes perspectivas e significados.

Neste sentido, num contexto societal marcado pelos valores estéticos e simbólicos e em que os atributos culturais e semióticos dos bens importam cada vez mais, as actividades culturais têm vindo a adquirir um papel central (Lash e Urry, 1994). Desta forma, a centralidade económica das actividades culturais trá-las para o centro da produção e do consumo nos espaços urbanos. De acordo com Zukin (1995), a cultura torna-se cada vez mais o negócio das cidades. O aumento do consumo cultural abastece a economia simbólica das mesmas, pelo que a cultura se transforma numa mercadoria (quase) omnipresente em meio urbano (Scott, 2000). Reconhecido o seu valor económico, a cultura depressa entra no âmbito das estratégias de gestão dos territórios e nos processos de reabilitação urbana, transformando-se numa variável essencial nos processos de reinvenção da cidade.

Assumindo esta transformação como premissa de base, e partindo de três eventos, realizados no Porto e relacionados com as artes visuais e com a *street art*, é nosso objectivo apresentar aqui uma primeira reflexão em torno das simbioses entre o espaço urbano, a cultura e as artes (visuais). Não é nossa intenção desenvolver uma reflexão aprofundada sobre a temática, mas antes elencar um conjunto de questões levantadas pelos três eventos considerados, nomeadamente no que respeita ao papel da cultura e deste tipo de eventos nas formas de apropriação dos espaços urbanos, atendendo tanto àqueles que podem ser assumidos como efeitos positivos, como também às possíveis contradições e efeitos colaterais destes eventos.

Pensar hoje a intervenção no espaço urbano implica assumir como base uma política cultural urbana ou um conjunto de políticas sectoriais urbanas culturalmente informadas (Guerra, 2015). A qualificação do espaço urbano é uma questão central das políticas urbanas e a relação entre acção cultural e qualificação dos espaços urbanos é uma pedra basilar. As actividades culturais revelam-se essenciais nas políticas de regeneração urbana, tanto do ponto de vista da renovação física, como da dinamização e das oportunidades de sociabilidade geradas. A revalorização social da cidade é correlativa de um outro processo de revalorização da temática urbana no seio da sociologia. Algumas das transformações sociais mais significativas ao nível das vivências culturais, nomeadamente as relacionadas com a música, não deixaram de imprimir a sua marca nas cidades. As cidades são cada vez mais palcos de visibilidade e concretização de mudanças sociais, mesmo que nos situemos sob o recorte específico das manifestações de rock alternativo (Silva et al., 2015). Os perfis urbanos modificaram-se drasticamente: com as recomposições da textura social, cultural e urbanística das metrópoles (como a gentrificação) emerge, em lugar da cidade de outrora, a cidade dos consumos e das fruções onde avulta o papel cada vez mais central da cultura (produção simbólica) no conjunto das actividades económicas e do surgimento de renovados estilos de vida (Guerra, 2003; Guerra e Moreira, 2016).

A reabilitação urbana por via da cultura é muitas vezes assumida como o culminar de um processo de reabilitação, mas importa também assumi-la como um catalisador que despoleta uma reutilização de espaços abandonados e/ou degradados e o desenvolvimento de uma cena artística local. É, então, necessário cruzar as estratégias culturais com as políticas urbanas, encarando as actividades culturais e criativas como fonte de competitividade e revitalização urbana e como promotoras de inclusão social. É precisamente o reconhecimento dos impactos económicos da cultura e da sua capacidade competitiva que promove a “culturalização das políticas urbanas” por parte dos políticos e dos produtores culturais. A cultura é o mote para boa parte das intervenções em contexto urbano, sendo assumida como elemento decisivo de estruturação das formas de pensar e fazer a cidade, peça fundamental de estratégias de reforço da atractividade dos espaços urbanos. Assim, e simultaneamente, a cultura motiva, agiliza e legitima muitas das actuais estratégias de reconfiguração física, socioeconómica e identitária do espaço urbano. Para além de justificar e legitimar estratégias de planeamento e organização urbana, a cultura pode actuar promovendo a recuperação física de edifícios e espaços públicos orientados para a instalação de projectos culturais e/ou comerciais, bem como a recomposição sociodemográfica, a dinamização económica e a renovação identitária e imagética dos espaços urbanos.

Em termos mais concretos, esta relação entre cultura e reabilitação urbana espelha-se numa dinamização do espaço urbano protagonizada pela imbricação consumo-lazer, por sua vez traduzida ou concretizada no surgimento de novos espaços culturais nas cidades. Neste sentido, assiste-se a processos de renovação física, criação e recuperação de equipamentos e infraestruturas, numa lógica de dinamização e animação cultural e de criação de oportunidades e espaços de sociabilidade. Pense-se, a título de exemplo, nos casos de criação de espaços de lazer e diversão em zonas centrais desertificadas ou em espaços comerciais e industriais abandonados, em que a cultura surge como renovada oportunidade para os mesmos, voltando a reintroduzi-los no tecido urbano. Na mesma linha, encontram-se as iniciativas e os eventos culturais, inputs e outputs de investimentos de requalificação urbana, que marcam indubitavelmente o espaço e a vivência das cidades. Autores como Ploger (2010), Jakob (2013) ou Shaw (2015) chamam a atenção para a proliferação de eventos no espaço urbano e para a intensificação do consumo de experiências nas cidades. No contexto actual, o da economia da experiência diz Jakob (2013), os eventos culturais estão cada vez mais presentes e, no âmbito do paradigma da cidade criativa, fazem mesmo parte das estratégias de desenvolvimento urbano. Podem ser vistos como uma tentativa de retirar dividendos de novos estilos de vida que, supostamente, representam valores estéticos e formas culturais globalizadas. As cidades almejam, assim, este tipo de experiências, muitas vezes, preocupando-se mais com a qualidade e espectacularização das mesmas do que com o seu conteúdo ou com a forma como podem ir ao encontro das culturas locais, seus desejos e necessidades (Ploger, 2010).

## 2. Reflexos

À luz do modelo bourdeusiano de campo de produção cultural, partindo da análise de eventos culturais em duas cidades americanas, Shaw (2015) chama a atenção para o facto de as cenas artísticas funcionarem como arenas sociais de distinção e exclusão, espaços de lutas em prol da obtenção de capital simbólico, espaços de conquista de reputação e de legitimação entre pares. Neste sentido, este tipo de eventos culturais assumem-se como excelentes oportunidades para os artistas exibirem o seu trabalho, para interagirem com o público e com os pares, criando redes, essenciais à manutenção das suas carreiras (Cf. Guerra, 2013). Aliás se, por um lado, este tipo de eventos, pelo cada vez maior destaque que têm nos espaços urbanos, atraem um conjunto diversificado de pessoas (desde as que estão interessadas na oferta cultural em questão, até às que se movem pelas outras ofertas associadas a estes eventos, como as dinâmicas de sociabilidade inerentes ou bebidas gratuitas, por exemplo), por outro, tal faz com surja a necessidade de estabelecer uma distinção clara entre os diferentes tipos de público. Assim, a visão de que as cenas artísticas e estes eventos culturais podem promover crescimento e uma série de transformações positivas do espaço urbano é necessariamente redutora. Assim o é também a perspectiva dos artistas enquanto agentes plurais, democráticos e tolerantes. Shaw (2015) sublinha o seu trabalho na criação de cenas artísticas/culturais locais através das quais as suas carreiras e os seus interesses sociais podem ser geridos.

Com efeito, se não ignoramos os efeitos positivos que esta aposta estratégica nas experiências e eventos culturais podem ter no espaço urbano, não podemos também deixar de equacionar os efeitos colaterais, ou a dimensão negativa, dos mesmos. Falamos, por exemplo, no aumento das rendas e do custo de vida nas áreas das cidades onde proliferam estes eventos, por norma as suas zonas centrais, que ao extremo podem encetar processos de gentrificação, de recomposição sociodemográfica e exclusão socioeconómica, através do afastamento dos segmentos mais frágeis da população destas áreas da cidade. Autores como Jakob (2013), que têm vindo a analisar esta tendência para a “eventificação” ou “eventualização” das cidades, reforçam a necessidade de adopção de estratégias mais equilibradas e orientadas para os actores locais, para que não seja posta em causa a identidade de determinados bairros ou zonas das cidades em prol de tendências homogeneizadoras. Se a população local e os segmentos populacionais mais desfavorecidos continuarem a ser ignorados por estas estratégias, continuarão também a ser excluídos de todos e quaisquer benefícios que delas possam advir. O ensaio fotográfico que a seguir apresentamos pretende dar conta de três exemplos concretos de iniciativas e projectos culturais que ocorreram na cidade do Porto e que têm na sua génese a intensa simbiose entre cultura, espaço urbano e políticas culturais. Representam o que dizíamos no início a respeito da invasão das imagens e do simbólico e, ao mesmo tempo, ilustram a valorização das actividades culturais na transformação do espaço

urbano, seja através de intervenções urbanas com um carácter regular, como acontece no primeiro caso apresentado, seja através de intervenções urbanas mais pontuais que convocam novos usos para espaços abandonados e/ou degradados, alterando a paisagem urbana.

Se este recurso à fotografia nos parece de sobremaneira pertinente quando consideramos a invasão das cidades e da vida quotidiana pelas imagens, ao mesmo tempo e do ponto de vista metodológico, relaciona-se com o reconhecimento do papel da imagem na investigação em ciências sociais (Quintela e Oliveira, 2015). Não obstante o facto de algumas investigações importantes no campo da antropologia e, em menor grau, da sociologia terem assumido a imagem enquanto recurso importante para o desenvolvimento das suas análises, estas foram, contudo, sempre consideradas marginais (Campos, 2011a e 2011b; Pink, 2006). Efetivamente, só recentemente começou a ser ultrapassado o persistente logocentrismo das ciências sociais, que sempre se basearam predominantemente na escrita (Campos, 2011b). Neste percurso há que salientar os cultural studies enquanto área disciplinar que deu, porventura, o contributo mais decisivo a este nível, ao sublinhar a importância crucial da imagem, recuperando alguns dos princípios da semiótica, nomeadamente no que concerne à análise do(s) modo(s) como os jovens comunicam e interpretam o mundo que os rodeia. Paralelamente, nos últimos anos têm ocorrido profundas mudanças sociais que se caracterizam por um acentuado domínio da imagem e do visual – as sociedades são hoje ocularcêtricas (Jenks, 1995; Campos, 2011a). De forma simultânea e articulada, dois elementos parecem ser estruturantes na passagem para a nova ‘cultura visual’, hoje preponderante: por um lado, o impacto do processo de globalização que, graças à expansão da tecnologia e das linguagens visuais e audiovisuais, de origem diversa, conferiram à imagem uma preponderância inédita, tornando-se num “signo primordial no contacto intercultural” (Campos, 2011a: 37); e, por outro lado, a crescente tecnologização das sociedades contemporâneas, com efeitos muito profundos e que se fazem sentir a diferentes níveis (Guerra e Quintela, 2016). As ciências sociais não puderam ignorar estas transformações, assistindo-se, desde a década de 1990, a uma multiplicação de novos ou renovados objectos de estudo que, apesar do seu carácter diverso, remetem, de forma mais ou menos directa, para o universo da imagem e da visualidade. Também em termos metodológicos se tem assistido a importantes avanços, nomeadamente com os trabalhos de Sarah Pink em torno da importância e da aplicação dos métodos visuais (Pink, 2001, 2006 e 2011). Com efeito, hoje parecem estar ultrapassados muitos dos motivos que, durante um longo período, justificaram a resistência das ciências sociais – e da sociologia em particular<sup>4</sup> – à análise da imagem e da visualidade, nomeadamente alegando o seu carácter excessivamente subjectivo, impreciso e polissémico (Campos, 2011b e 2013).

### 3. Inaugurações simultâneas @ Rua Miguel Bombarda

O primeiro conjunto de fotografias foi recolhido em 2008, embora diga respeito a uma iniciativa que ainda hoje tem lugar – as inaugurações simultâneas na Rua Miguel Bombarda e ruas adjacentes (ver Imagem 1). Esta iniciativa deve o seu nome à dinâmica iniciada pelos galeristas de arte, inicialmente na rua Miguel Bombarda e mais tarde alargada às ruas adjacentes, sendo que actualmente fazem também parte do projecto a Rua do Rosário, a Rua do Breyner, a Rua D. Manuel II e a Rua Adolfo Casais Monteiro. Com efeito, o destaque desta área da cidade, sobretudo no que às artes visuais diz respeito, começou pela concentração de galerias de arte que para lá se dirigiram motivadas pelas rendas baixas, pela existência de espaços disponíveis com algumas das características mais favoráveis à instalação deste tipo de equipamentos e pelo próprio ambiente de um bairro residencial. Tendo sido o seu primeiro ponto de destaque, e que ainda hoje é assumido como definidor da rua, a ele vieram juntar-se novas dinâmicas, protagonizadas por novas formas comerciais que se evidenciam pela conjugação da cultura com o comércio. A música, o design e o design de moda chegam a Miguel Bombarda de modo a complementar a sua oferta ao nível das artes visuais, fazendo da área uma “montra” para novos projectos. Tratam-se, essencialmente, de projectos jovens e em tudo arrojados e especializados, embora se insiram numa lógica de confluências, que aqui encontram uma primeira incubadora que, face à disponibilidade

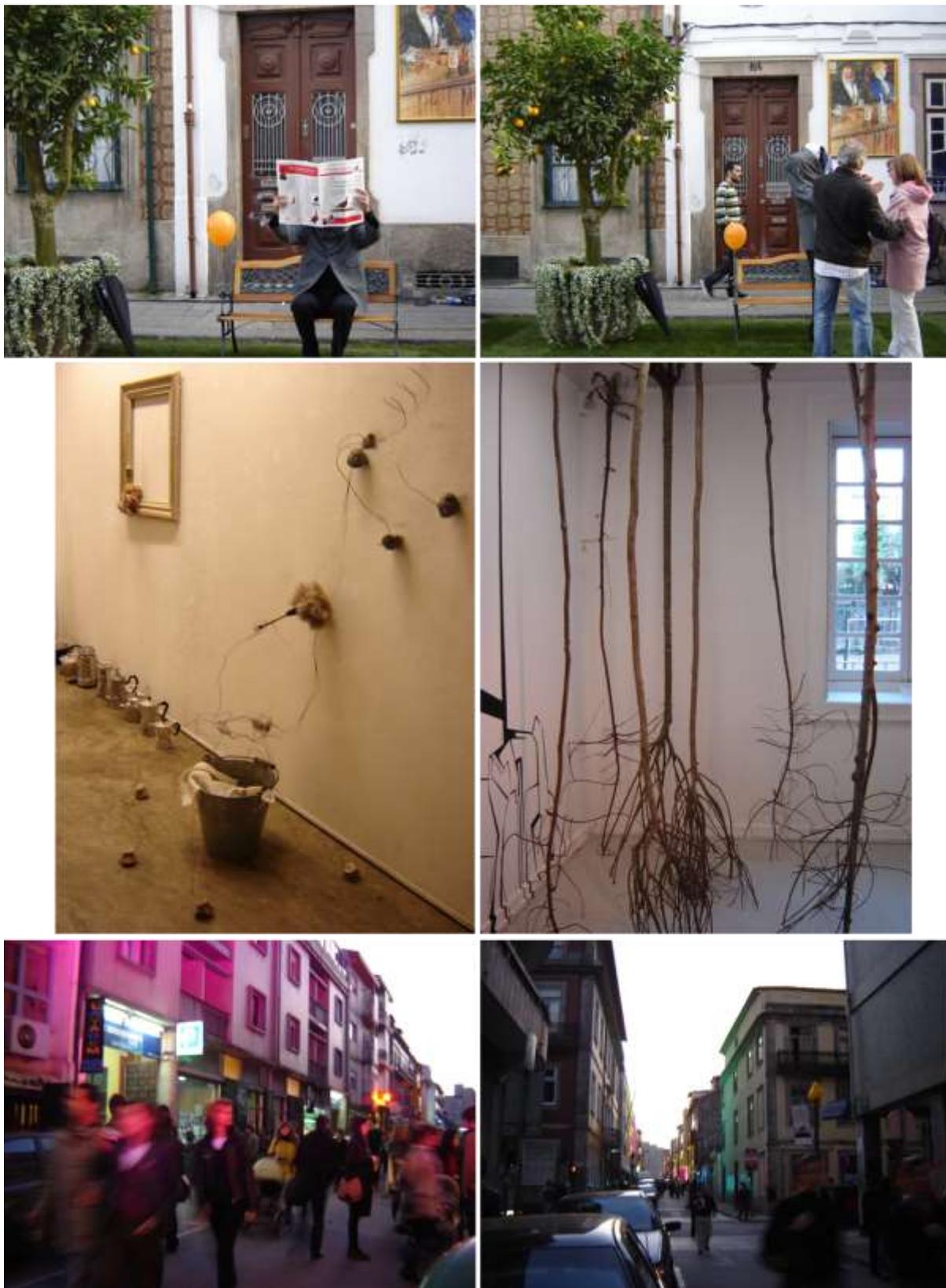
---

<sup>4</sup> Situação que, em Portugal, se fez sentir com particular acuidade, com uma escassíssima presença quer da sociologia visual, quer mesmo da própria antropologia visual (cf. Campos, 2011b; Caetano, 2008).

de espaços ainda acessíveis e à existência de um público potencial, se revela o lugar idóneo para um primeiro contacto da cultura com a sua forma vendável. Actualmente as inaugurações simultâneas constituem-se como uma das principais atracções da cidade e são organizadas pela Câmara Municipal do Porto, através da empresa municipal Porto Lazer, juntamente com as galerias e lojas do quarteirão de Miguel Bombarda. Por norma acontecem ao Sábado, seis vezes por ano, mês sim mês não, e são de entrada gratuita. Para além da apresentação de novas exposições e artistas nas várias galerias, os projectos comerciais alteram os espaços e apresentam as novas colecções, há performances, instalações, DJ sets e concertos, que encham de gente estas ruas da cidade.

O conjunto de fotografias apresentadas na figura 1 remete-nos, então, para dois tipos de espaços associados a esta iniciativa: as galerias (retratadas nas fotografias ao centro) que, no âmbito deste evento, se abrem a um público sobejamente mais diversificado do que aquele que por norma as frequenta; e a rua (retratada nas fotografias em cima e em baixo), para a qual se abrem as artes visuais, acompanhadas de outros factores atractivos, como sejam as performances e instalações (retratadas nas duas fotografias em cima), ou o consumo de bebidas que é proporcionado por algumas das marcas patrocinadoras do evento. Sobretudo estas quatro fotografias (em cima e em baixo) levam-nos a reflectir sobre a vivência da rua que iniciativas como esta podem proporcionar, fazendo com que um espaço de passagem se transforme, nem que seja por alguns momentos apenas, num espaço de alguma permanência, onde a interacção entre artistas e público é facilitada. Ao mesmo tempo, as duas fotografias em baixo mostram-nos uma rua para a qual converge um conjunto algo diversificado de pessoas. Não tendo havido, aquando deste exercício, oportunidade para apurar as motivações destas pessoas para marcar a sua presença no evento, à luz da análise de Shaw (2015), apenas retoricamente podemos perguntar quem serão estes públicos? Serão também artistas? Farão parte do campo de produção das artes visuais? Serão meros curiosos atraídos pela popularidade do evento?

**Imagem 1. Inaugurações simultâneas na Rua Miguel Bombarda, Porto, 2008.**

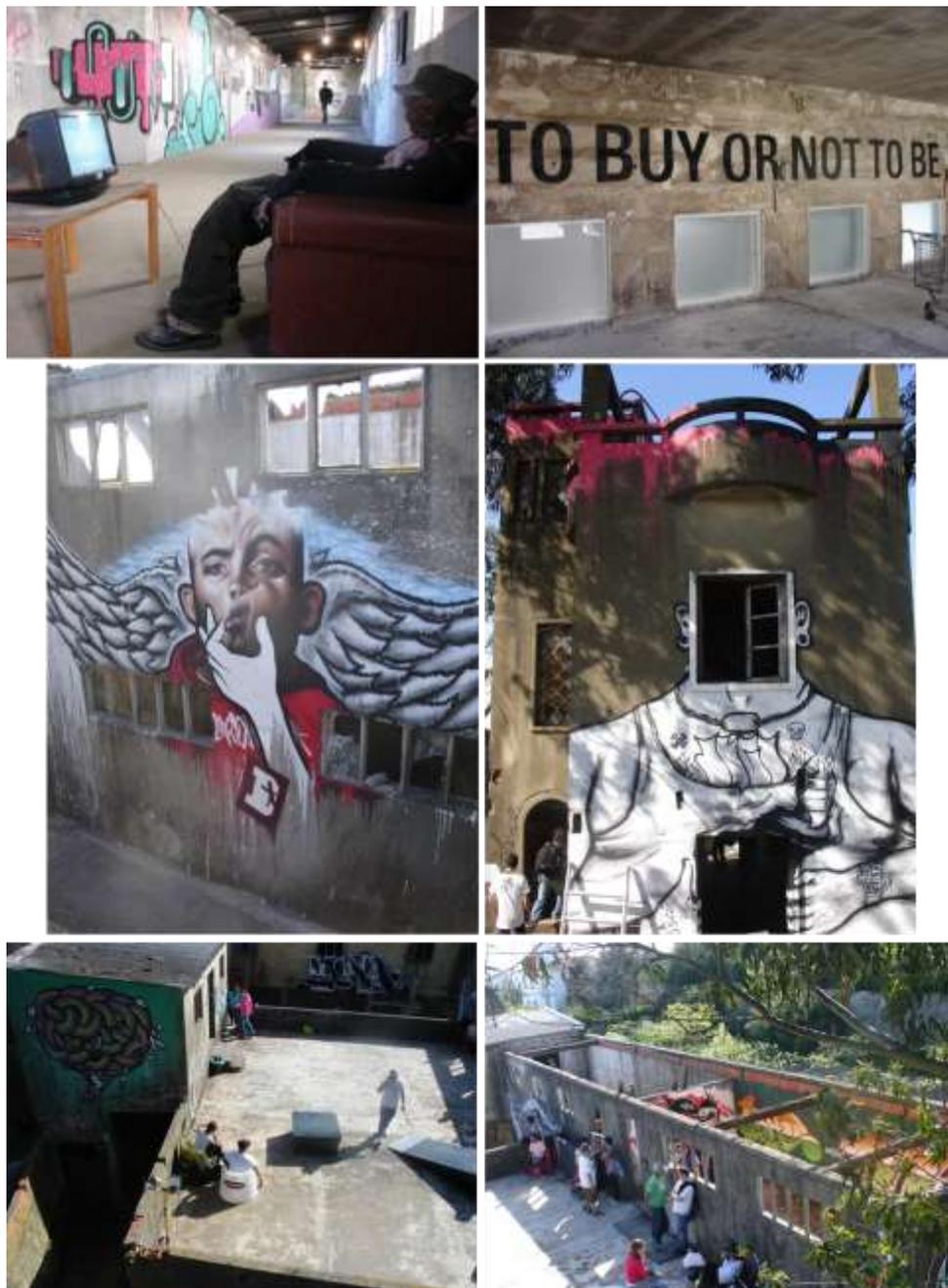


Fonte: Fotografias das autoras.

#### 4. Visual Street Performance @ Fábrica Social

Um segundo conjunto de fotografias transporta-nos a 2010 e a um evento concreto que teve lugar num espaço que ainda hoje funciona como um pólo de apoio às artes e à cultura na cidade do Porto – a Fábrica Social, Fundação Escultor José Rodrigues. Falamos da Visual Street Performance, um evento dedicado à *street art*, um evento criado e produzido por um grupo de pessoas ligadas ao meio do *graffiti* e da arte urbana em Portugal. Depois de ter decorrido durante cinco anos consecutivos em Lisboa, teve entre os dias 8 e 11 de Abril a sua primeira edição no Porto (ver Imagem 2). Para além de uma exposição colectiva de *street art*, houve também actividades paralelas como música, sessões de pintura e *graffiti* com convidados nacionais e estrangeiros e projecção de filmes. O principal objectivo deste evento, que continua a realizar-se, passa por transformar espaços devolutos das cidades em galerias públicas, contribuindo para transformar Lisboa e Porto em cidades criativas e para promover a arte urbana contemporânea portuguesa junto de um público mais abrangente. Dando conta dos impactos que iniciativas pontuais podem ter a mais longo prazo, é de realçar que depois do evento que juntou writers de todo o país num edifício devoluto e parcialmente destruído por detrás da oficina do escultor José Rodrigues, aí nasceu uma galeria aberta de *graffiti*, onde se encontram trabalhos de HBSR, Hium, Klit, Mars, Vhils, Youth One, dos portuenses Caos, Oker e Mr. Dheo e dos londrinos Best&Ever.

Neste conjunto de fotografias, destacamos especialmente as duas primeiras (em cima), pelo seu conteúdo ou, por outras palavras, pela mensagem de uma certa crítica social que os seus autores parecem querer fazer passar. A primeira remete-nos para uma apatia, para uma espécie de morte simbólica ou de conformismo e passividade potenciados pela televisão ou, numa abordagem mais alargada, pelos média. A segunda é alusiva ao projecto  $\pm$  maismenos  $\pm$ , do artista portuense Miguel Januário. Situando-se o seu trabalho na esfera do ativismo, a instalação aqui retratada remete-nos para uma crítica à sociedade capitalista e de consumo, que faz depender a existência humana deste último. Por sua vez, as duas últimas fotografias (em baixo) fazem-nos voltar à análise de Shaw (2015) e para a importância destes eventos no âmbito da reprodução das lógicas de funcionamento do campo de produção artística, nomeadamente através da promoção e consolidação de redes de artistas e da promoção do reconhecimento dos pares.

**Imagem 2. Visual Street Performance, na Fábrica Social, Porto, 2010.**

Fonte: Fotografias das autoras.

### 5. Street art @ Edifício Ax

O terceiro e último conjunto de fotografias é referente a uma outra iniciativa relacionada com arte urbana. Falamos da exposição *Street art Axa Porto* a qual foi possível visitar de 30 de Abril a 1 de Junho de 2014, no Edifício Axa, na Avenida dos Aliados (ver Imagem 3). Cinco pisos do edifício foram intervencionados com pintura, *graffiti*, instalação, stencil e paste up, contando com o trabalho de artistas nacionais e internacionais. Tratou-se de uma iniciativa organizada pela Câmara Municipal do Porto, através da Porto Lazer, que procurou homenagear a arte urbana, sobretudo a que é feita no Porto, contribuindo igualmente para promover o

desenvolvimento de outros projectos relacionados com esta forma de expressão artística que, em conjunto, visam colocar a cidade no centro das atenções do panorama internacional da arte urbana.

Para além deste evento concreto, importa aqui evidenciar o contexto mais abrangente em que este se inseriu. Desde Abril de 2013 o Edifício Axa, um edifício em plena Avenida dos Aliados (artéria central da Baixa da cidade do Porto) até então sem qualquer utilização, foi ocupado por diversas actividades culturais, em resultado de uma parceria entre a seguradora e a Câmara Municipal do Porto, que tinha como principais objectivos o estímulo à produção artística (emergente), a articulação com as instituições de ensino superior da cidade e a constante procura de novos públicos. Teatro, dança, música, fotografia e arte urbana foram algumas das actividades que tomaram conta dos sete pisos e mais de 50 salas do Edifício Axa, animando o panorama e a fruição cultural no centro da cidade durante dois anos e oito meses. Para além dos mais de 300 eventos organizados, durante este período realizaram-se ainda várias residências artísticas e acolheram-se várias associações e companhias da cidade, como o Balletatro, a Porta-Jazz, a ACE, o NEC ou a Shortcutz. Tal parceria e “ocupação cultural” aconteceram no âmbito do 1.ª Avenida, um projecto de dinamização económica e social da Baixa do Porto, promovido pela Câmara Municipal, que teve início em Outubro de 2012 num outro edifício devoluto dos Aliados, na posse do Montepio, cofinanciado por fundos comunitários. No final de 2015, a seguradora colocou o edifício à venda, fazendo com que as actividades culturais deixassem o edifício antes do previsto. Porém, a vontade da autarquia é que as actividades que ali decorriam continuem num ou em mais espaços diferentes, equacionando a possibilidade de replicar esta experiência num outro edifício devoluto da cidade. Tal vem assim confirmar a sensibilidade das políticas urbanas em relação à cultura e ao seu potencial de transformação do espaço urbano e de revitalização e valorização económica e social da cidade.

Neste conjunto de fotografias, mais uma vez realçamos a utilizar da *street art* para fazer passar uma mensagem de algum criticismo e questionamento sociais. Seja pela possível referência aos sem-abrigo e suas vivências do espaço urbano (fotografia à esquerda, em cima); seja por uma certa sátira ao próprio campo das artes visuais, pela sua articulação com a esfera económica (fotografia à esquerda, ao centro); seja pela referência às ligações entre o poder económico (símbolo do euro) e o poder bélico (armas) (fotografia à direita, ao centro); seja pela referência à “dualidade de critérios”, que surge aqui associada ao mundo das artes, em específico, ou à sociedade em geral?

Imagem 3. Street art Axa Porto, Porto, 2014.



Fonte: Fotografias das autoras.

## 6. *Losing my edge*

Estes três eventos sugerem-nos, desde logo, uma reflexão em torno daqueles que podem ser os desafios e as alterações nas vivências da cidade que experiências e intervenções urbanas como estas podem gerar. Que impacto podem ter na transformação das formas urbanas e nos modos como se experiencia a cidade? Podem iniciativas pontuais ter efeitos mais prolongados no tempo? O primeiro caso, referente às inaugurações simultâneas na Rua Miguel Bombarda assim o demonstra. Sendo um evento que teve a sua origem na iniciativa de um grupo específico e restrito, os galeristas da rua, hoje está consolidado, é reconhecido e apoiado pela câmara municipal, integrando a programação da cidade. Ao mesmo tempo, surge como um evento, um conjunto de actividades que promove não só a aproximação das pessoas às artes visuais, como também à própria cidade, ao seu centro, às suas ruas, aos seus ambientes. Já os dois eventos relacionados com a *street art*, para além de confirmarem o crescente reconhecimento e valorização desta manifestação artística, são dois exemplos da promoção de novos usos de espaços abandonados ou devolutos no centro da cidade, gerando novas vivências dos mesmos e das áreas envolventes. No caso da Visual Street Performance estamos perante um evento de mais curta duração que, no entanto, revelou ter efeitos subsequentes, com a criação da galeria de *graffiti* num espaço anteriormente vazio. No que concerne à exposição *Street art* Axa Porto, tratou-se de uma iniciativa inserida num projecto mais amplo, assente na “ocupação cultural” de um grande edifício numa das principais avenidas da cidade, até então votado ao abandono.

A qualidade das diversas actividades culturais realizadas e a forma como contribuíram para uma renovada fruição cultural daquela área da cidade, durante mais de dois anos, fizeram com que após a obrigatória retirada do edifício a autarquia começasse a equacionar a possibilidade de replicar esta experiência num outro edifício devoluto da cidade, demonstrando o reconhecimento do papel da cultura enquanto elemento transformador do espaço urbano. Na verdade, iniciativas como as aqui descritas conduzem-nos a uma abordagem do espaço urbano assente numa dialéctica sócio espacial, que assume o espaço tanto como capaz de moldar o social, como de ser por ele moldado.

De igual modo, eventos como estes são também formas de expressão e de manifestação dos artistas que neles estão envolvidos. Acabam por se constituir como canais ou suportes para os artistas partilharem as suas perspectivas. Por outras palavras, constituem-se como formas de lhes dar voz e, de certo modo, de materializar a sua participação na cidade, através da sua dimensão cultural. Assumindo, então, que nestas manifestações nos deparamos, simultaneamente, com algo que tem uma existência física, com algo que conseguimos ver, mas também com aquilo que são as representações, as percepções dos seus criadores, tal leva-nos a reflectir sobre a possibilidade de pensar as cidades enquanto heterotopias. Tal como Foucault definia o conceito, estamos perante espaços com uma dimensão real, mas ao mesmo tempo também com uma dimensão imaginada e construída tendo presente as relações com outros espaços e as diferentes percepções de que quem os vivencia. Neste sentido, as cidades podem ser vistas como a condensação de múltiplos espaços, como tendo múltiplas camadas de significados e de relações para além daquelas que são imediatamente visíveis. Assim, parece-nos que a complexidade das cidades as torna espaços cruciais para a exploração das relações entre espaços planeados, imaginados e vividos.

Ao mesmo tempo, e por outro lado, não podemos descurar que esta tendência para a “eventificação” tem associadas vantagens, como a revitalização de certas áreas das cidades, mas também desvantagens, como sejam os processos de exclusão social, que têm de ser problematizadas em prol de uma estratégia de acção no espaço urbano mais equilibrada e inclusiva. Paralelamente, ao assumir-se como tendência, esta “eventificação” levanta questões sobre a sua sustentabilidade e sobre a transformação do espaço urbano num cenário de (mero) consumo de experiências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baudrillard, J. (1968), *O Sistema dos Objectos*, 2ª ed, São Paulo: Editora Perspectiva.
- Boyer, M.C. (1994), *The City of Collective Memory: its historical imagery and architectural entertainments*, Massachusetts: The MIT Press.
- Caetano, A. (2008), “Sociologia e fotografia. Retrato sociológico do estado da relação em Portugal”, CIES eWorking Paper, 42, Lisboa: CIES.
- Campos, R. (2011a), “Deambulações em torno do projeto da antropologia visual contemporânea: entre as imagens da cultura e a cultura das imagens”, *Revista Digital Imagens da Cultura/Cultura das imagens*, 1, pp. 28-44.
- Campos, R. (2011b), “Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios”, *Análise Social*, vol. XLVI (199), pp. 237-259.
- Campos, R. (2013), *Introdução à Cultura Visual. Abordagens e Metodologias em Ciências Sociais*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Costa, P. (2002), *As atividades da cultura e a competitividade territorial : o caso da Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, Instituto Superior de Economia e Gestão.
- Featherstone, M. (1994), *Consumer culture & postmodernism*, 6ª ed, London: SAGE Publications.
- Fischer, C.S. (1995), “The subcultural theory of urbanism: a twentieth-year assessment”, *American Journal of Sociology*, volume 101, novembro, pp. 543-577.
- Guerra, P. (2003), “A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objecto complexo”, *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras do Porto*, 13, pp. 69-119.
- Guerra, P. (2013), *A Instável Leveza do Rock*, Porto: Edições Afrontamento.
- Guerra, P. (org.) (2015), *More Than Loud. Os mundos dentro de cada som*. Porto: Edições Afrontamento.
- Guerra, P., Moreira, T. (eds.) (2016), *Keep it Simple Make it Fast! An approach to underground music scenes* (vol. 2). Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.
- Guerra, P., Quintela, P. (2016), “Culturas de resistência e média alternativos: os fanzines punk portugueses”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 80, pp. 69-94.
- Harvey, D. (1989), *The Urban Experience*, Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Jakob, D. (2013), “The eventification of place: urban development and experience consumption in Berlin and New York City”, *European Urban and Regional Studies*, 20 (4), pp. 447-459.
- Jameson, F. (2015), “The aesthetics of singularity”, *New Left Review*, n. 92, março-abril, pp.101-132.
- Jenks, C. (1995), “The centrality of the eye in western culture: an introduction”, in C. Jenks (ed.), *Visual Culture*, London & New York: Routledge, pp. 1-25.
- Lash, S., Urry, J. (1994), *Economies of signs and space*, London: Sage Publication.
- Markusen, A. (2007), “The Urban Core as Cultural Sticky Place”, in D. Henckel, E. Pahl-Webe, & B. Herkommer (eds.), *Time Space Places*, Berlin: Peter Lang Verlag.
- Pink, S. (2001), *Doing Visual Ethnography*, London: Sage Publications.

Pink, S. (2006), *The Future of Visual Anthropology: Engaging the Senses*, Oxford: Routledge.

Pink, S. (2011), “Images, Senses and Applications: Engaging Visual Anthropology”, *Visual Anthropology*, 24, pp. 437-454.

Ploger, J. (2013), “Presence Experiences – the eventalisation of urban space”, *Environment and Planning D: Society and Space*, 28 (5), pp. 848 – 865.

Quintela, P., Oliveira, A. (2015), “Capas de discos, estética, intervenção e resistência: uma aproximação à sociologia pelo visual”, P. Guerra (org.), *More than loud. Os mundos dentro de cada som*, Porto: Afrontamento, pp. 127-142.

Sassen, S. (2005), “The global city: introducing a concept”, *The Brown Journal of World Affairs*, XI (2), pp. 27-40.

Sassen, S. (2008), “The Specialized Differences of Global Cities”, *Urban Age: Newspaper Essay*.

Scott, A.J. (2000), *The cultural economy of cities*, London: SAGE Publications.

Scott, A.J. (2014), “Beyond the Creative City: Cognitive–Cultural Capitalism and the New Urbanism”, *Regional Studies*, 48(4), pp. 565–578.

Shaw, S. (2015), “Art Crawls: locating artists and audiences in the creative city”, *Ethnography*, 16 (1), pp. 51-73.

Silva, A.S., Babo, E.P., Guerra, P. (2015), “Políticas culturais locais: contributos para um modelo de análise”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 78, pp. 105-124.

Zukin, S. (1995), *The cultures of cities*, Oxford: Blackwell Publishing.

#### **Outras fontes consultadas:**

Carvalho, P. (2015), “O edifício AXA no Porto vai deixar de receber cultura, mas isso não tem de ser mau”, *Jornal Público* de 30 de Setembro de 2015. Disponível em <https://www.publico.pt/local/noticia/o-edificio-axa-no-porto-vai-deixar-de-receber-cultura-mas-isso-nao-tem-de-ser-mau-1709513>.

Fundação Escultor José Rodrigues (s/d), *Fábrica Social – Fundação José Rodrigues*. Disponível em <http://www.fejoserodrigues.pt/>.

Oporto Cool (2015), Inaugurações Simultaneas @ Quarteirão Miguel Bombarda, 31 Out 2015. Disponível em <https://oportocool.wordpress.com/2015/10/27/inauguracoes-simultaneas-quarteirao-miguel-bombarda-31-out-2015/>.

Porto Lazer. Câmara Municipal do Porto (2015), “Câmara do Porto despede-se do Edifício AXA com uma festa aberta à cidade”. Disponível em <http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/camara-do-porto-despede-se-do-edificio-axa-com-uma-festa-aberta-a-cidade-a-28-de-novembro>.

Porto Lazer. Câmara Municipal do Porto (s/d), “Inaugurações Simultâneas de Miguel Bombarda”. Disponível em: [http://www.portolazer.pt/galeria/inauguracoes-simultaneas-de-miguel-bombarda\\_2](http://www.portolazer.pt/galeria/inauguracoes-simultaneas-de-miguel-bombarda_2).

Porto Lazer. Câmara Municipal do Porto (s/d), “Street art – AXA Porto”. Disponível em <http://streetartaxaporto.wix.com/streetart>.

Visual Street Performance (2010), “Visual Street Performance Porto”. Disponível em <http://visualstreetperformance.blogspot.pt/2010/03/visual-street-performance-porto.html>.